

"A proposta desta [obra...] é introduzir [o leitor] na metapsicologia freudiana, isto é, de juntos freqüentamos a cozinha da bruxa. Isto implica refazeremos o percurso empreendido por Freud na elaboração de sua teoria".

É freqüentando a cozinha da bruxa que nos convida o autor a penetrar o universo freudiano. Como se não bastasse estarmos entrando pelos fundos, temos ainda a bruxa. A bruxa que ele fará equivaler - retomando o próprio Freud - aos caminhos da imaginação, para além de um formalismo teórico paralisante¹. É surpreendente: ao invés de começar pelo clássico a *Interpretação dos Sonhos*, vai dedicar o primeiro volume a uma análise minuciosa dos "jurássicos" textos "Afasias" e "Projeto". Apenas uma carta, a de nº 52, endereçada a Fliess, é que fará o elo de ligação com a gigantesca *Interpretação dos Sonhos*, objeto do volume seguinte. Cartas, bruxas, cozinhas...

Já se anuncia, portanto, que teremos uma leitura no mínimo movimentada. Há ainda o estilo do autor, bastante dinâmico ao fazer uma espécie de agenciamento de fluxos culturais dispersos, particularmente os provenientes da filosofia, produzindo resultados metapsicológicos estimulantes, e que bem podem servir como campos de exploração².

Não que este modo de ler seja absolutamente origi-

Uma proposta indecorosa...

Resenha de Luiz Alfredo Garcia-Roza, *Introdução à metapsicologia freudiana* - Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., vol. I, 1991, 204 p.; vol. II, 1993, 235 p.

nal. O autor se inscreve nesta "nova ordem" de leitura de Freud, muito bem-vinda, inaugurada pela tradição francesa, sempre prestimosa em não reduzir complexidades para tornar as coisas mais fáceis (e nem por isso mais verdadeiras). Como disse algures Laplanche: essas leituras nos ajudam a tomar distância do "terrorismo do empírico". Ou, como propõe G.Roza: "na verdade produzir conceitos é inventar, é violentar o dado, ultrapassando-o". Afinal, nós, atados à clínica, temos dificuldade, por vezes, para ultrapassar o estreito perímetro do consultório.

Como paradigmática desta postura de ultrapassagem, de violência e de invenção, escolhemos, por ser uma das mais tentadoras, a análise que G.Roza fará da noção freudiana de "período de excitação". Aqui G.Roza vai convocar, para freqüentar a cozinha da bruxa, nada mais, nada menos, do que parceiros das ultra contemporâneas "filosofias da diferença", tais como Deleuze, Foucault, Heidegger, Derrida.

A noção de "período de excitação" é postulada por Freud, no "Projeto", para dar conta da transmissão da excitação nervosa para os estados de consciência. Acontece que o que a consciência experimenta são Qualidades. E a

qualidade não é quantificável. Portanto a tematização da consciência será o complicador maior da pretensão científica de Freud. G.Roza vai então elucidar o mecanismo empregado para solucionar o problema. O estratagema de Freud consistirá em verter a *Quantidade em Temporalidade*. Mas como? Através justamente da noção de "período de excitação", que quer dizer: durante o tempo em que os neurônios perceptivos ficam excitados por quantidades, eles são capazes de afetar a consciência. Há uma transmissão para a consciência do período de excitação e não de quantidades energéticas. Com esse estratagema - transformar quantidade em duração - se insinuaria em Freud, a noção de diferença pura, sempre na visão de G.Roza. Idéia herética - a de diferença pura - de difícil pensabilidade e que no entender da filosofia clássica deveria ser exorcizada, em benefício do "verdadeiro pensamento filosófico" (I, p. 112). A identidade é o princípio cultural pela filosofia (e pela ciência), já que o que o espírito humano busca é estabelecer relações de identidade e assim se sentir confortado. Portanto, na perspectiva clássica o diferente é um "desviante" que deveria aspirar à identidade. Já em G.Roza, diferença é palavra-chave, pois palavras e zonas de texto confluem para essas regiões do novo e do diferente³, o que às vezes nos impacta ao lê-lo.

Nesta direção vai a ampliação da noção de "Bahnung" (facilitação) introduzida

no "Projeto". Com ela Freud descreve, a propósito da memória, como se dá a condução da excitação nervosa pelos sistemas neuronais. G.Roza proporá então traduzirmos a "facilitação" (dos caminhos da memória neuronal) por *trilhamento*, no que o termo tem de mais sugestivo: como picadas no mato, que tanto se abrem como se fecham (se não forem usadas), no percorrer a diferença de trilhamentos possíveis. Esta massa de mesmos caminhos mutáveis que constitui a memória. Apesar de sabermos que se trata aqui de uma memória neuronal, G. Roza antecipa a ligação com a carta 52, na qual este "trilhamento" passa por uma reordenação: "de tempos em tempos as marcas mnêmicas sofrem um reordenamento segundo novos nexos" (I, p. 99). Não há como não evocar Proust:

"A recordação faz-nos respirar de repente um ar novo, precisamente por ser um ar outrora respirado... e que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado, pois os verdadeiros paraísos são os que perdemos" (Em Busca do Tempo Perdido - O Tempo Redescoberto, p. 152).

As afasias ou a alma?

Será então o "jurássico" texto de Freud sobre "As Afasias" de 1891 (que sequer foi

traduzido no Brasil), devidamente exumado. O que está em jogo aqui, no "Afásias"? Distúrbios de linguagem referidos a pontos anatômicos de lesão do sistema nervoso ou, como propõe J. Nassif, distúrbios de linguagem enquanto "efeitos de sujeito"? Após o enfrentamento de zonas espessas do texto e tendo como esteio os estudos de Nassif, principalmente, o autor conclui que é da alma mesmo que Freud está falando.

É espantoso que Freud, já em 1891 - num tempo "pré-lingüístico", portanto, propõe malhas de trilhas associativas que procuram dar conta da articulação da palavra - ela mesma um complexo associativo - com a trama das associações de objeto intermediada por um outro aparelho de linguagem, o que absolutamente não deve ser confundida com o referente externo. Freud quebrará com a mecânica noção de representação referida imediatamente à coisa externa. O objeto só se constitui enquanto tal na sua relação com a palavra, e não com o referente. Portanto o signo é tido como arbitrário, e o objeto torna-se uma *síntese subjetiva*.

Assim sendo, o "aparelho de linguagem" de 1891, vai transbordar de suas funções, indo, a modo do Nilo, fertilizar outras paragens. Pela fratura

dos distúrbios de linguagem, começa a se entrever o osso do aparato que será, a partir daqui, retido por G.Roza como o primeiro modelo de aparelho psíquico e, sob certos aspectos, até mesmo preferível aos outros. Seria muito extenso desenvolver aqui o relevo dado, na leitura de G.Roza à tematização da linguagem e à obra de J. Lacan. Entretanto, sua análise, embora atravessada pela leitura lacaniana, não se resume a esta.

Doravante Freud terá como única opção encaminhar-se, cada vez mais, para a construção de modelos do aparato anímico: Reitera o autor - filosoficamente - é da alma mesmo que estamos falando. Esta coitada que, tendo seus cuidados relegados a curas de todos os credos, durante séculos, fará então finalmente, sua "entré" no mundo científico pelas portas da Psicanálise (ou, mais precisamente, pela cozinha, já ia me esquecendo).

Não sem antes Freud tentar aprisioná-la nas malhas do aparelho neuronal do "Projeto".

É o "Projeto" mais um jurássico?

Sabemos que este texto, em alguns círculos ainda restritos, é uma espécie de "cult" da Psicanálise. No entanto, para o grande público da formação analítica, ele segue sendo um jurássico. Não é para menos; sua linguagem, carregada no jargão neurológico, provoca uma certa repulsa em qualquer "psi" menos avisado. Neste sentido, cabe ressaltar que o trabalho de contextualização cultural que G.Roza faz do "Projeto" ajuda muito a diminuir a distância que nos separa dele. Remetido às suas fontes, o "Projeto" se torna menos "estrangeiro".

Numa atitude extremamente salutar, G.Roza corrige, publicamente, sua posição anterior em relação ao valor do "Projeto". Brincando consigo mesmo diz: "Felizmente os gê-

nios conseguem sobreviver aos comentadores...". E continua: "... sob outros aspectos considero-o [o Projeto] não mais como o último suspiro do neurologista Freud, mas como o texto que pode ser considerado como uma introdução/primeira parte da teoria que Freud vai desenvolver" (I, p. 17)

Justiça seja feita. Já desde os comentários introdutórios de J. Strachey à Standard Edition, de certa forma sabemos disso. Strachey dirá, textualmente, que o "espírito invisível" do Projeto paira sobre toda a obra teórica de Freud, até o final.

Com a análise de G.Roza esse "espírito invisível" do "Projeto" encarnará, mediante um exame minucioso de suas quase 30 seções, e assim ganhará corpo e vulto. Sabemos que Freud queria fazer do *neurônio* a unidade material do psiquismo e da *quantidade*, sua atividade, e pasmem: a partir desses dois postulados deduzir *toda* a atividade psíquica. O que G.Roza faz por meio de alguns deslizamentos de sentido - alguns deles quase imperceptíveis - é introduzir uma espécie de "psiquização"⁴ da língua do "Projeto" - sua encarnação - sem dúvida muito interessante. De "quantidades" para *intensidade*. De "estímulo endógeno" para a *konstante Kraft* (força constante) da pulsão. De "acréscimo de Qn" para *Drang* (impulso). Do *neurônio* para a representação. Ao longo da análise de todas as seções do "Projeto", assistiremos a diversos movimentos desta espécie, produzindo res-

sonâncias que fazem muito sentido. No entanto, servido assim como entrada principal, mesmo frente ao bem sucedido esforço de "psiquização" do seu texto, o "Projeto" talvez não seja de todo palatável. Resta na boca um travo esquisito. Rescende ainda, fortemente, no ar que se respira ao lê-lo, seu ranço positivista. Quem sabe o entusiasmo não carregou um pouco no tempero?

Vemos logo que já é tempo de passarmos à copa - a carta 52 - a algo mais próximo, ao menos abertamente, do domínio psíquico, que sirva de transição entre a cozinha e a nossa sala de visitas: o clássico *Interpretação dos Sonhos*.

É a carta o elo perdido?

Sim. Entre a linguagem fiscalista do "Projeto" e a abstrata do capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos*, a carta 52 constitui o elo perdido. É ela que "muda a língua" do Projeto: da isomorfia cérebro-psíquica para o modelo, agora manifestamente abstrato, do aparelho psíquico (capítulo 7 - da *Interpretação dos Sonhos*).

Do traço mnêmico, passamos à idéia de transcrição. Ou, como dirá Derrida, "o traço começa a tornar-se escritura". E a memória, seguindo os passos já prenunciados no Projeto, será não de traços que reproduziriam um idêntico,

mas sim da diferença de trilha-mentos possíveis, estes inscritos na memória. Para dirimir qualquer dúvida: "A noção de diferença é aqui fundamental... [trata-se] da diferença como Princípio de Constituição do Psiquismo. A trama das Bahnungen é um Sistema de Diferenças" (I, p. 202). Portanto, conclui G.Roza: "a memória não se acrescenta à vida para mantê-la. Repetição e diferença já estão presentes desde o começo".

Bem, da cozinha⁵ para a copa e desta para a sala de visitas. Sala de visitas? Ou, melhor dizendo, como se segue:

Um mundo de vastas emoções e pensamentos im- perfeitos

Este vasto mundo, nesta felicíssima expressão de Havelock Ellis, é a nossa sala de visitas, franquia para o mundo do psíquico - A *Interpretação dos Sonhos* - agora objeto do segundo volume. Só que freqüentado à moda da bruxa, naturalmente. Do aparelho de linguagem, passando pelo aparelho neuronal, deste para a escritura psíquica da carta 52 para, finalmente, desembocar no modelo do aparelho psíquico, "oficialmente" o primeiro, o da *Interpretação dos Sonhos*. Temos de convir que, nesta nova costura, a "opus magnum" de Freud perde um pouco do brilho de personagem principal - pois G.Roza manter-á firme o encaminhamento

dado, uma vez que este livro se articula a partir do primeiro⁶.

A vastidão será então organizada a partir da linguagem, o ponto que, além de central, é particularmente instigante neste segundo volume. Mesmo porque um mérito fundamental de seu texto parece ser o relacionar-se, com uma clareza quase miraculosa, com o leitor não "iniciado" nestas abordagens. G-Roza vai avançando, num linguajar absolutamente compreensível, muito pacientemente, a cada vez, todos os seus operadores de leitura: Memória e Bergson; Saussure, Benveniste, Marcel Mauss, L.Strauss e o Simbolismo; Hegel, Kokève, Lacan e o Desejo. Articulações importantíssimas que remetem o leitor a noções básicas de campos correlatos à Psicanálise.

Contudo, não se assuste o leitor. Não temos espaço para outra resenha. Este segundo volume é tão merecedor de um exame minucioso quanto o primeiro e, sem dúvida, noutra oportunidade, deverá ser contemplado. Portanto só resta recomendar vivamente que se conheçam estes interessantes livros, que se oferecem como um percurso, tanto no que têm de singular, quanto no que contêm de *outro*. Sem dúvida, um trabalho de fôlego e de generosidade,

que esperamos ver continuado nos dois volumes seguintes, ainda inéditos. A propósito, o terceiro volume acabou de ser completado, e tratará dos textos metapsicológicos de 1915 - Narcisismo, Pulsões, Inconsciente e Recalque - e será publicado no início do ano.

Parafrazeando o autor, só nos resta esperar que os comentaristas de Freud sobrevivam, por sua vez, a seus resenhadores... Afinal, antes de tudo, a garantia de uma obra está, senão nela mesma, na vivacidade de seus leitores⁷.

NOTAS

1. Neste sentido, com justeza lembra o texto de Mezan que analisa a interessante relação Metapsicologia/Fantasia, in *Freud, 50 anos depois*, Rio, Delume/Dumará, 1989, org. Joel Birman.
2. Sobre este ponto ver, por exemplo, as interessantes aproximações, a partir do exame das pulsões, com a teoria do caos no livro *O Mal Radical em Freud*. L.A.G.R., Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1990.
3. Ver, a esse respeito, a intrigante noção de repetição diferencial em *Acaso e Repetição*, do mesmo autor. Rio, Jorge Zahar Ed., 1986.
4. Esta expressão, tomei emprestada a Monzani.
5. Estas metáforas reverberaram a partir da intensidade com que as retoma Monique Schneider, ao enfatizar vigorosamente antes o Freud exorcista/inquisidor do que o médico/iluminista ao abordar suas históricas (no livro *De l'exorcisme à la psychanalyse - Le féminin expurgé*, Paris, Ed. Retz, 1979).
6. Contudo, sua leitura pode se dar independentemente, pois o primeiro volume será objeto de um capítulo inteiro (o terceiro).
7. Agradeço a Mânia Deweik o simpático convite e estímulo para produzir este trabalho.

Cecilia Maria de Brito Orsini é psicoterapeuta, Professora de Freud no Departamento de Psicodinâmica, Instituto Sedes Sapientiae